

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
CAMPUS LITORAL NORTE

**DA ARTE DO *MEME* AO MAPA: UMA ANÁLISE DA
INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO DE IMBÉ/RS A PARTIR
DA SALA DE AULA**

ISAAC GOULART DA SILVA

Tramandaí

2022

ISAAC GOULART DA SILVA

**DA ARTE DO *MEME* AO MAPA: UMA ANÁLISE DA
INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO DE IMBÉ/RS A PARTIR
DA SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Aline de Lima Rodrigues

Tramandaí

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Isaac Goulart da
DA ARTE DO MEME AO MAPA: UMA ANÁLISE DA INFRAESTRUTURA DO
MUNICÍPIO DE IMBÉ/RS A PARTIR DA SALA DE AULA / Isaac
Goulart da Silva. -- 2022.
48 f.
Orientadora: Aline de Lima Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Ensino de Geografia. 2. Memes. 3. Infraestrutura
urbana. 4. Imbé. 5. Representações. I. Rodrigues,
Aline de Lima, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ISAAC GOULART DA SILVA

**DA ARTE DO *MEME* AO MAPA: UMA ANÁLISE DA
INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO DE IMBÉ/RS A PARTIR
DA SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Geografia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Orientadora: Aline de Lima Rodrigues

Data de aprovação: 17 de outubro de 2022

Banca examinadora

Profa. Dra. Aline de Lima Rodrigues - orientadora
Universidade Federal do rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira
Universidade Federal do rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. André dos Santos Baldraia Souza
Universidade Federal do rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer à minha família, que sempre esteve ao meu lado e me incentivou de forma incessante, por vezes tirando do que tinham para me oportunizar a permanência e dedicação ao curso de licenciatura em Geografia.

Em especial, agradecer a minha mãe que é meu maior exemplo de educadora, com ela me desentendi, chorei nos braços, mas também recebi um olhar de alegria a cada conquista. Sem teu apoio eu nada seria.

Agradecer também ao grupo discente do curso de Licenciatura em Geografia presencial do Campus Litoral Norte da UFRGS, que mesmo em discordância em alguns momentos, lutaram e lutam pela permanência do curso e do campus.

Quero agradecer à minha orientadora Aline de Lima Rodrigues, que aceitou me acompanhar nesse trabalho não usual e desafiador em muitas de suas camadas.

Agradecer as e os docentes do curso, que com suas especificidades manteve e mantém uma estrutura ímpar na formação de professoras e professores no Campus Litoral Norte.

Por fim, mas não menos importante, agradecer a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me proporcionou além do ensino, a estrutura para a pesquisa e a extensão, aproximando-me às realidades que provavelmente eu nunca teria acesso sem a educação pública, gratuita e de qualidade da UFRGS.

*“O humor salva, transforma, alivia, cura,
traz esperança para a vida da gente. Rir
é um ato de resistência”.*

Paulo Gustavo

RESUMO

O presente trabalho visa realizar uma análise da infraestrutura urbana do município de Imbé a partir de *memes* produzidos por estudantes. Desta forma, o objetivo do trabalho é utilizar os *memes* como ferramenta didático-pedagógica para a melhor leitura do tema, bem como produzir um mapa colaborativo de forma que possibilite a espacialização destes *memes*, situando-os nos bairros que as e os estudantes deram destaque. A metodologia utilizada permitiu uma ampliação do pensamento crítico cidadão por meio do debate, visando uma análise da infraestrutura urbana, que venha a instigar a criatividade ao construir um *meme* que representa sua realidade, seu espaço.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; *Memes*; Representações; Direito à cidade; Infraestrutura urbana.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis de la infraestructura urbana del municipio de Imbé a partir de memes producidos por estudiantes. De esta forma, el objetivo del trabajo es utilizar los *memes* como herramienta didáctico-pedagógica para una mejor lectura del tema, así como producir un mapa colaborativo de manera que permita la espacialización de estos *memes*, ubicándolos en los barrios que destacaron los estudiantes. La metodología utilizada permitió ampliar el pensamiento crítico ciudadano, con el objetivo de un análisis de la infraestructura urbana, lo que incitó a la creatividad mediante la construcción de un meme que representa su realidad, su espacio.

Palabras-clave: Enseñanza de la Geografía; *Memes*; Representaciones; Derecho a la ciudad; Infraestructura urbana.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Elementos do processo de ensino de geografia em uma concepção de construtivismo crítico (CAVALCANTI, 2016). | 18 |
| Figura 2: Charge do personagem Radicci, do desenhista Iotti..... | 28 |
| Figura 3: Mapa de localização do município de Imbé | 33 |
| Figura 4: Meme 1, representando o bairro Nova Nordeste. | 34 |
| Figura 5: Meme 2, representando o bairro Courhasa..... | 35 |
| Figura 6: Descrição do meme 2. | 35 |
| Figura 7: Meme 3, representando uma situação no bairro Mariluz. | 36 |
| Figura 8: Meme 4, bairro Presidente. | 37 |
| Figura 9: Descrição do meme 5 | 38 |
| Figura 10: Meme 5, que apresenta o bairro Riviera. | 39 |
| Figura 11: Interface do mapa na plataforma Google My Maps. Elaboração: Isaac Goulart da Silva, dados: memes da turma. | 41 |
| Figura 12: Aba lateral com a descrição do ponto com o meme. | 41 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|--|
| CoLAB | Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENPEG | Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia |
| <i>GIF</i> | <i>Graphics Interchange Format</i> |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| TIC | Tecnologia de Informação e Comunicação |
| UFF | Universidade Federal Fluminense |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. EMBASAMENTO TEÓRICO | 15 |
| 2.1 O ensino de Geografia e as novas estratégias de ensino-aprendizagem | 15 |
| 2.2 O direito à cidade e a relação com a infraestrutura urbana | 21 |
| 2.3 As representações | 25 |
| 2.4 Os memes | 27 |
| 3. METODOLOGIA | 31 |
| 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: dos memes ao mapa | 33 |
| 4.1 O município de Imbé | 33 |
| 4.2 Análise dos memes | 34 |
| 4.3 O mapa | 40 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da internet e o amplo acesso ao ciberespaço principalmente por meio dos dispositivos móveis, as formas de comunicação foram se transformando. A necessidade de comunicação sempre foi algo evidente entre as comunidades humanas, aos poucos os meios de realizar esta comunicação foram se ampliando, e as distâncias de certa forma, reduzindo. Em paralelo, a forma que esta linha de comunicação ocorreu permitiu que as mensagens fossem transmitidas em diferentes configurações.

Vídeos, áudios, imagens, todas estas ferramentas ao serem apresentadas às sociedades tornaram-se instrumentos de ação cultural, política, social e educacional. Além do acesso à internet, o acesso e direito à cidade possui debates e tensionamentos há muito mais tempo. A infraestrutura que compõe a área de socialização e uso geral da cidade, é uma problemática que principia a existência e vivência neste e deste local.

Um dos fenômenos produzidos na internet por usuárias e usuários foram os *memes*. Este material digital é composto principalmente por uma foto ou figura, com no máximo duas frases, que em geral possui tom humorístico, por vezes até mesmo sarcástico. Criado na década de 1970, o termo nasceu da pesquisa de Dawkins (1976), cientista que estudava a replicação genética nos seres humanos. Para o autor, assim como o gene estava para a reprodução celular, o *meme* estaria para a cultura.

O *meme* não se limita apenas a imagens, com o avanço da cibercultura a configuração deste material se transformou em vídeos, áudios - o que torna a criatividade de quem o faz e quem o ouve ser mais instigada - e *Graphics Interchange Format (GIFs)* ou formato de intercâmbio de gráficos, que são imagens animadas, sem som. Tanto a forma "inicial", quanto às variantes fazem os *memes* serem ótimos ícones de legado às charges. A partir da integração destas ferramentas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o meio virtual e o analógico também se mesclaram, e aos poucos as gerações seguintes adquiriram uma facilidade operacional maior.

Os jovens que nasceram após a ascensão das TICs representam e expressam sua cultura e pensamentos de inúmeras formas nas redes sociais, redes estas que têm como principal produto os *memes*. Desta forma, os locais ocupados por nativos

digitais, são espaços onde surgem e ressurgem, de maneira mais imediata, ideias de *memes*, sendo um dos principais destes, o ambiente escolar. Embora uma porção da comunidade escolar - estudantes - possua maior intimidade com as novas tecnologias, outro grupo, os professores e professoras ainda possuem receio e algumas dificuldades em utilizar recursos e ferramentas digitais como materiais didáticos em sala de aula (PRENSKY, 2001), seja pela questão de conhecimento, seja pelas ferramentas disponíveis.

Atualmente existem algumas pesquisas que envolvem *memes*, em especial na área de comunicação, como a pesquisa de Lupinacci (2017) que busca uma significação do conceito de “*meme* de internet”, bem como o trabalho de Lohmann (2019), no qual o foco é a multiplicação do meio iconográfico. Seguindo em direção ao campo da educação, o número de trabalhos se expande, visto que o *meme* começa a ser uma opção mais viável e considerada no ambiente escolar, principalmente com uma nova geração de professoras e professores nativos digitais. Um exemplo é o conjunto de artigos apresentados na Revista Periferia (2019), que traz pesquisas e relatos de sala de aula onde o *meme* foi utilizado didaticamente, Educadoras e educadores de Língua portuguesa como Ferreira et al. (2019), de Educação de Jovens e Adultos (EJA) como por Melo (2019) e na formação de professoras e professores como Junior et al. (2019), apresentaram suas experiências e análises das possibilidades após utilizarem o *meme* no ambiente escolar.

Na área da Geografia existem apenas duas obras, uma delas apresentada por Silva (2019), que se aproxima de um universo de usuários de grupos de *memes* e propõe uma “memeficação” do espaço cotidiano dos estudantes, e assim problematizar a localização da imagem base utilizada no *meme* criado. A obra de Bezerra et al. (2021), que vincula a possibilidade de uma análise da cidade a partir dos *memes*. A proposta no trabalho de Bezerra et al. (2021) parte de uma iniciativa de bolsistas do programa de Residência Pedagógica, que pediram aos alunos e alunas para que produzissem *memes* sobre as temáticas que estavam em debate: questões ambientais, de violência e infraestrutura, e realizassem uma análise sobre o produto. O resultado foi muito positivo, o qual as turmas realizaram uma construção crítica da sua cidade, o bairro em que moram e estudam, e a questão da própria educação.

A principal justificativa para a realização desta pesquisa é a baixa quantidade de trabalhos de base geográfica vinculados ao ensino utilizando *memes*. Da mesma

forma, a necessidade de difundir a possibilidade do uso do *meme* em sala de aula, como ferramenta didática-pedagógica, também justifica a relevância do trabalho.

Os *memes* são a síntese e a representação de uma situação ou sentimento por meio dos recursos digitais ou analógicos e, de uma linguagem destinada à compreensão rápida e simples de uma situação mais complexa, transmitida e replicada culturalmente perpetuando desta forma a ideia que é o *meme* ou o que este carrega.

Portanto, o objetivo central desta pesquisa foi utilizar os *memes* como material didático de forma a analisar a infraestrutura urbana. De forma secundária o trabalho visa produzir um mapa colaborativo referente ao município de Imbé, no estado do Rio Grande do Sul (RS), construído a partir do material feito por estudantes, utilizando *memes* que evidenciem a existência de locais na cidade que possuam infraestrutura precária ou nenhuma infraestrutura, bem como aproximar o debate do direito à cidade.

O presente trabalho parte dialogando inicialmente sobre o ensino de Geografia e novas estratégias de ensino-aprendizagem, permeando a temática do direito à cidade, as representações e englobando os *memes* para a realização de uma análise socioespacial. Além de uma necessidade de ampliar a utilização de novas linguagens digitais no ambiente escolar, é sempre necessário o debate que dialoga com a existência e formação cidadã na sala de aula.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 O ensino de Geografia e as novas estratégias de ensino-aprendizagem

Na primeira metade do século XX, autores como Delgado de Carvalho, Aroldo de Azevedo e Pierre Monbeig, compreenderam a necessidade da correlação da Geografia apresentada com a realidade (GIROTTI, 2020).

Todo histórico do que foi a Geografia e o papel do geógrafo (ainda apenas como bacharel), demonstra que o ensino da ciência é um acúmulo de diferentes imagens do espaço e da sociedade. A representação das estruturas do Estado, formas matemáticas, confecção de cartas com a finalidade de exploração, estabelecimento das linhas imaginárias que determinam que horas são a partir de determinado local, tudo isto faz parte de um conjunto de câmeras (MOREIRA, 2008), ou lentes que auxiliaram a configurar o mundo de hoje, e influenciou em como o currículo escolar da Geografia se estruturou.

Aproximando-se ao século XXI, após a ascensão de uma então Geografia Crítica ou, segundo alguns autores, Geografias Críticas, o ensino de Geografia tenta desviar de barreiras estruturadas previamente, procurando romper com a abordagem tradicional da Geografia em sala de aula. No entanto, de acordo com Vesentini (2004) há um momento confuso antes da consolidação de um ensino crítico de Geografia.

Por isso, existe desde os anos 80, no ensino da geografia nas escolas elementar e média, uma situação paradoxal, meio caótica e ao mesmo tempo bastante rica: implementação de caminhos plurais, de experiências diversificadas, de tentativas ora de renovar dentro do tradicional, ora de mudar tudo desta ou daquela maneira. (VESENTINI, 2004, p. 319).

Porém, este mesmo autor ressalta que:

Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia – mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o homem” – não tem lugar na escola do século XXI. Destacando que a geografia precisava se adequar às novas realidades e novas estruturas pedagógicas, ou estava fadada ao fracasso e ao descaso por parte dos alunos, no que ele considerou que a geografia acabaria se tornando “uma peça de museu”. (VESENTINI, 2004, p. 319).

Desta forma, novas maneiras de ler e pensar o espaço dentro da sala de aula a partir de diferentes instrumentos começam a ser estudados como metodologias de ensino de Geografia com um caráter mais prático e mais relacionado com a realidade

dos estudantes. Crescem as publicações de trabalhos e linhas de pesquisas voltadas à educação geográfica e ao ensino de Geografia, o que impactou também na formação de professores, quando ocorre uma das maiores mudanças estruturais nos cursos de formação de professores, ampliando consideravelmente a carga horária destinada às práticas de ensino e aos estágios supervisionados, bem como às chamadas formações continuadas (CAVALCANTI, 2012). Isto evidencia a importância de se pensar o como, para que e para quem se ensina Geografia, questões que aos poucos vêm ganhando espaço.

Cabe ao professor e à professora compreender a demanda da sua turma e da escola em que atua, pois como afirma Vesentini (2004):

O professor crítico e/ou construtivista – e não podemos esquecer que o bom professor é aquele que “aprende ensinando” e que não ensina, mas “ajuda os alunos a aprender” – não apenas reproduz, mas também produz saber na atividade educativa. (VESENTINI, 2004, p.323).

Dentro deste contexto, outras formas/linguagens de se analisar o espaço da Geografia em sala de aula ampliam as possibilidades de se ensinar Geografia, dando ludicidade e aplicabilidade daquilo que se aprende na realidade. No que consistem essas diferentes linguagens? Podem ser também utilizadas como ferramentas que servem de base para a prática didática em sala de aula. Servem como exemplos: cinema, literatura em geral, livros didáticos, histórias em quadrinhos, fotografias, desenhos, documentários, desenhos animados, folders, documentos e registros antigos, mapas cartográficos, mapas mentais, infográficos, maquetes, teatro, depoimentos, trabalhos de campo, visita a museus, reportagens jornalísticas, música e tantas outras formas de “falar” Geografia para os alunos, nas mais diferentes etapas da escolarização.

Embora existam as alternativas supracitadas, para chegar em uma Geografia escolar que utilize de tais materiais como estratégias pedagógicas, houve embates firmados contrapropostas vindas do Estado, principalmente a partir da década de 1990 (CAVALCANTI, 2008). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB)¹ e os denominados

¹ Forma de organização da educação e do ensino no Brasil, estabelecida em 1996, bem como direitos e deveres do educar por parte do Estado, como por exemplo, foi instituído a duração de 9 anos do ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)² foram apresentados como uma base legal para os ambientes de ensino, e por um lado apresentava um caminho a seguir no âmbito da educação, entretanto houve resistência por parte dos professores e professoras que em alguns pontos da legislação viam bloqueios a diferentes abordagens. Mesmo com divergências, a Geografia escolar foi estruturada a partir de pontos em comum, que CAVALCANTI (2016) denominou “ideias motrizes”.

Em primeiro lugar, a presença do construtivismo como princípio focal do processo educacional. A estratégia deve romper com a mera transmissão do conhecimento e unir a informação, anteriormente objeto único e estagnado da sala de aula, com a reflexão. Orientar às e aos estudantes sobre o tema, mas também incentivar o debate, compartilhando as impressões do grupo entre si, com estes defendendo seus pontos de vista (KAERCHER, 1997, *apud* CAVALCANTI, 2016). Sujeitar o aluno como construtor de seu conhecimento é necessário no ambiente educacional, porém mediante a apresentação de conteúdos/temas/dilemas, mediada pelo educador, agente ímpar nesse processo. Para evidenciar os protagonistas deste movimento - aluno, professor e Geografia Escolar - Cavalcanti (2016) elaborou um quadro (Figura 1) que apresenta o dinamismo no e do ambiente escolar.

Partindo do elemento anterior, “o estudante como construtor”, outro ideário motriz da estruturação do conhecimento é o que Cavalcanti (2016) denominou de “geografia do aluno” (CAVALCANTI, 2016). No ensino de Geografia são apresentados pelo professor temáticas estabelecidas, porém, não estagnadas. Na sala de aula não são encontrados estudantes idênticos em pensamentos e ideias, na aproximação de tais princípios intermediados pelos conteúdos geográficos há um choque cultural.

De modo geral, a forma de trabalhar a metodologia geográfica ou qualquer outra matéria escolar, embora previamente estabelecida pelos PCNs, deve ser adaptada e pensada mediante a identidade das e dos estudantes e demais do ambiente escolar, com seus conhecimentos cotidianos e concepções, como afirma Cavalcanti (2016, p. 52): “ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores.” O resultado do debate entre os saberes é compreender que o fazer Geografia diariamente acontece com mais frequência do que se percebe. E ao

² Proposta de reorientação dos currículos municipais e estaduais a partir da LDB, estabelecida em 1998.

perceber este fazer, se constrói uma análise sociocultural do espaço em que se vive. Sobre este ponto, Kaercher (1998) afirma:

Os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte de nossa vida a todo instante. Em outras palavras: Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo, você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras: o homem faz Geografia desde sempre. (KAERCHER, 1998, p.74, *apud* CAVALCANTI, 2016).

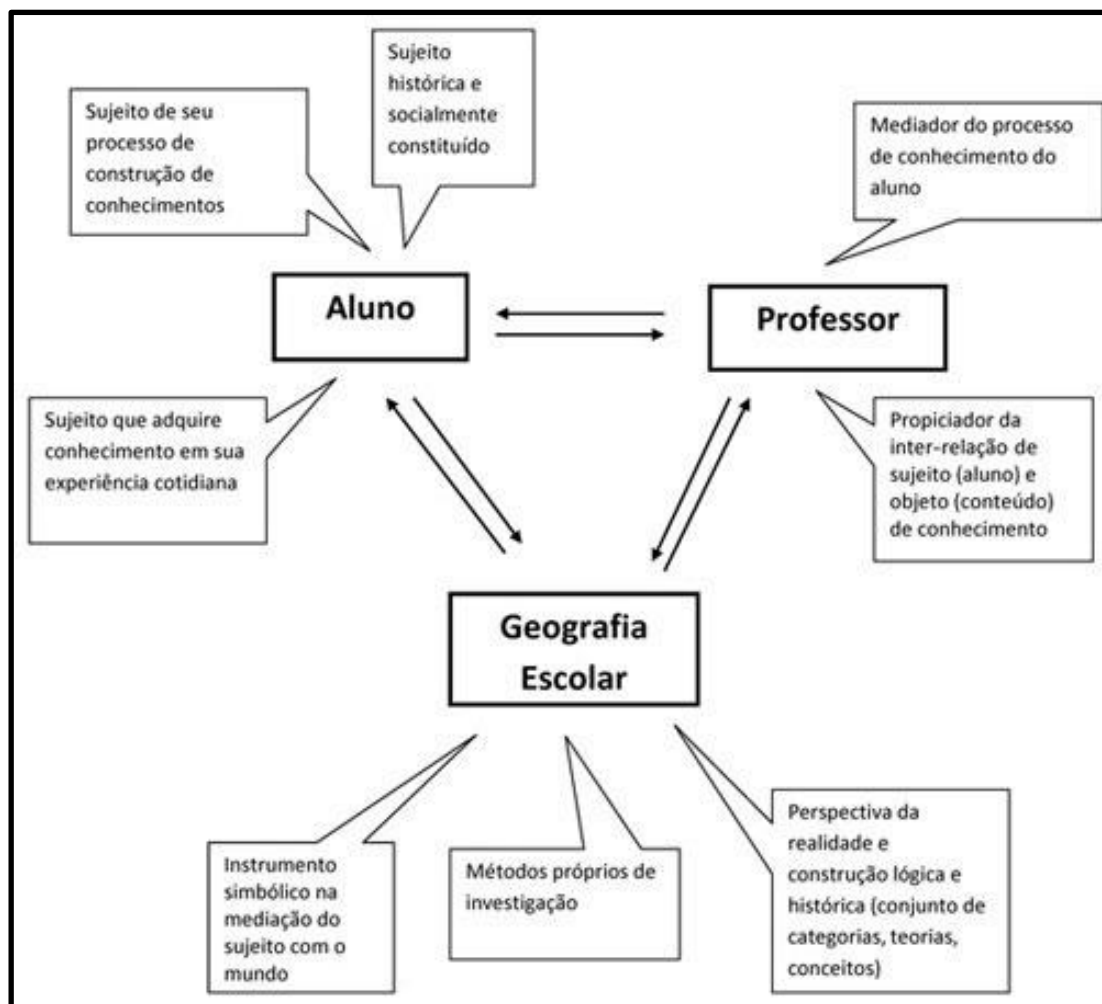


Figura 1 - Elementos do processo de ensino de geografia em uma concepção de construtivismo crítico (CAVALCANTI, 2016).

Para trabalhar os conteúdos geográficos, outro ponto estabelecido foi a estruturação de conceitos base, que organizassem a complexidade do espaço e sociedade de forma compreensível há quem a fosse interpretar, e da mesma forma que fossem apresentados tais conceitos, estes podem e são reinventados e ressignificados a cada análise, estudado pelos estudantes, indivíduo a indivíduo. Juntamente com os conceitos basilares, os conteúdos e “lentes” apresentadas pelo

professor ou professora podem e devem ser dimensionados com outros contextos, além da própria Geografia escolar (CAVALCANTI, 2016). A questão trabalhada tem como romper das estruturas comumente estabelecidas, inter-relacionando com questões de atitude, podendo se deslocar para a dimensão moral, de valores e compreensões além do que a Geografia se estrutura comumente.

O conteúdo essencial de teor geográfico como localização, paisagem, natureza e demais conceitos, não serão retirados do currículo escolar, entretanto o perfil e geração de estudantes possui uma rotação muito fluida, o que exige do professor uma reestruturação do diálogo. Caso o educador estabeleça uma metodologia de diálogo que permita uma compreensão geral das turmas, fazendo com que elas conheçam e tomem consciência de sua realidade e discernindo diferentes situações, o discurso geográfico será concreto, e a Geografia toma conta em sua essência do ambiente escolar (CASTELLAR, 2005).

Segundo Castellar (2005), são necessárias novas possibilidades de alterar e pensar a Geografia escolar, sua forma de agir e se comunicar com o aluno. Partindo de um mapa, por exemplo, o principal objeto visual utilizado no ensino de Geografia, as e os estudantes podem já estar familiarizados com a ferramenta cartográfica, porém não sabem como lê-lo ou até mesmo como elaborá-lo. Existe a opção do professor de exemplificar de maneira simples o que é a legenda, as coordenadas e os demais elementos que configuram o objeto em questão, entretanto uma mera transmissão direta “do mestre ao aprendiz” do conhecimento não configura a estrutura geográfica em sua essência. A prática metodológica pode - e deve - partir do cotidiano do aluno, e ser mediada pelo professor, mostrando a ele como se configura espaço e depois o reproduz mental e fisicamente. A prática citada inicialmente não é retirada do processo, mas a roupagem estabelecida para apresentar à turma é diferente, é uma prática significativa (CASTELLAR, 2005).

As formas de linguagem que vêm a estruturar estes diálogos de aproximação do indivíduo às suas realidades aparecem de inúmeras formas. Nos anais de eventos, como nos do 14^o ENPEG - Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia³ no

³ O evento em questão possui grande importância para a estruturação do debate que permeia a educação e prática da Geografia no Brasil. Tendo a primeira edição realizada na UNESP de Rio Claro/SP, no ano de 1985, o evento foi expoente para haver uma troca de experiência e novas propostas que surgiram e surgem entre os professores em formação e, com o passar do tempo, os professores e professoras ativos na educação básica. O próprio autor teve a oportunidade de expor uma explanação inicial sobre o tema do presente trabalho durante o evento.

qual existem trabalhos que se destacam neste tema. Dentre os eixos temáticos do encontro há espaço para experiências e propostas metodológicas de estudantes e profissionais que já atuam na educação.

Entre alguns exemplos de trabalhos estão os diálogos em rede, onde os estudantes transitam por conexões de contatos e demais “nós” do dia a dia. Trabalhar com rede enriquece e amplia a visão de mundo na escala local dos alunos, pois é possível que entrem em contato com a ponta de um grupo que se amplia até escalas maiores, além da compreensão da turma.

Outros casos que chamam atenção são os de investigação científica, através da pesquisa e processos via questionário. Um dos trabalhos que se destaca analisa e põe no papel cartograficamente as residências dos estudantes. Atividades como essa, partem de projetos e estruturam outra forma, talvez mais visual da realidade local/regional, já que além de si próprios os alunos e alunas podem ter noção de onde moram os colegas, e assim compreender as questões de limites e debates sobre o estado em que moram, por exemplo.

Em relação ao ensino de Geografia, um tema cada vez mais emergente são as geotecnologias, mas por falta de incentivo e de aperfeiçoamento aos professores e/ou disponibilidade de equipamentos algumas escolas e professores não aderem. Entretanto, trabalhos que dialogam com esta temática são uma opção que atua ligando conhecimentos técnicos dos estudantes, bem como o conteúdo amplo que esta linguagem abrange.

Uma estratégia que dialoga com grande facilidade com os grupos de estudantes é a interdisciplinaridade, ou transdisciplinaridade em salas de aula. Há em alguns trabalhos, tópicos que tratam de eventos extremos, comparando com a questão de risco ou vulnerabilidade, em relação a barragens e outras estruturas. O tema permite com que os estudantes ampliem sua análise em relação à um mesmo fenômeno ou acontecimento, compreendam sua situação perante a realidade de onde moram, bem como sua posição perante os demais moradores de seu município.

Dentre as pesquisas também é importante ressaltar, ainda na temática de geociências, uma obra que apresenta o ciclo das rochas, porém de forma não convencional, pois utiliza a perspectiva do povo yorubá, interrelacionando o primeiro conteúdo com questões afro-brasileiras e africanas, de forma integral. O trabalho de unir dois temas necessários para a formação escolar é complicado, até mesmo por

serem tão desconexos em um primeiro momento, entretanto, como forma de diálogo ímpar torna-se uma alternativa a ser trabalhada.

Entre os temas emergentes em salas de aula, a temática que é muito retratada em obras é a cartografia tátil e inclusiva. Por meio de maquetes e outras obras com legendas adaptadas, desde a construção até a aplicação com estudantes portadores de alguma deficiência, a questão de uma cartografia inclusiva permeia e possui destaque entre os tópicos educacionais, em especial na Geografia.

Alternativas que relacionam mídias e recursos digitais também são alternativas que tomam forma e aparecem em trabalhos expoentes na Geografia. A utilização de músicas, filmes, desenhos e quadrinhos são alguns destaques da área que, por serem de um ambiente familiar, a maior parte das e dos estudantes adere e converge ao diálogo e se interessa com maior atenção ao conteúdo apresentado.

Sobre o cotidiano e vivência local, alguns trabalhos que também se destacam dialogam com a questão da imigração e como os indivíduos que, vêm ao espaço onde a escola está situada, transformam e constroem a realidade local. Autores trazem os casos de imigrantes coreanos, venezuelanos e de demais nacionalidades que estabelecem relações diretas e/ou indiretas. Conhecer as motivações indo até estas pessoas é importante e, ao investigar de forma mais próxima permite com que o alunado tenha maior interesse com os temas.

Toda ação que parte da professora e do professor deve ser dialogada e ter estrutura pedagógica que parte de objetivos representativos ao grupo de estudantes e assim fazer com que o aluno compreenda seu papel na sociedade: o de cidadão (CASTELLAR, 2005).

2.2 O direito à cidade e a relação com a infraestrutura urbana

A cidade é um espaço de vivência e ação no cotidiano de uma parcela da população global. De acordo com Carlos (1992, np, apud CAVALCANTI, 2016, pg. 109), compreende-se que a cidade é uma aglomeração de pessoas (habitantes e visitantes) e de objetos (casas, ruas, prédios). A dinâmica social e evidentemente urbana dá-se em torno destas pessoas e objetos, construindo e reconstruindo a cidade. Os recursos e equipamentos que na cidade situam-se são complementares e assim compõem a paisagem urbana (CAVALCANTI, 2016), e estudar como este

cenário funciona é necessário para a apropriação e compreensão do que Harvey (2012) chama de direito à cidade:

é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos. (HARVEY, 2012, p. 2).

A ciência geográfica tem por base estrutural para análise, certas categorias construídas ao longo do tempo que a identifica (CAVALCANTI, 2016). Com foco na perspectiva da cidade, existem conceitos chave para compreender o fenômeno em si. Como destaque, serão trabalhados escala, paisagem e a produção do espaço.

Segundo Cavalcanti (2016) analisar o espaço demanda um enfoque, e utilizar da escala em sala de aula permite com que seja elaborada em conjunto com as turmas uma análise social, ao tomar a cidade, por exemplo, os habitantes que a ocupam, os produtos que são oriundos destes, e até mesmo a circulação destes e daqueles. Por vezes, os estudantes não compreendem que existir naquele espaço parte do princípio de que estão produzindo-o, e as ações que realizam somadas a outros fatores e produtos compõem a sociedade e, neste caso, a cidade.

Partindo dos dados do IBGE, o último censo realizado em 2010 apontou que cerca de 69% dos municípios brasileiros são considerados de pequeno porte (IBGE, 2010). Como afirma Maté (2016, p. 27), as cidades pequenas passam, em sua estrutura física e social, por um encontro entre características rurais e urbanas, ou seja, o rural e o urbano se misturam com maior evidência. Tais características são grafadas na paisagem de tais localidades por vetores metropolitanos, grupos de imigrantes e, com o advento da tecnologia, recursos foram trazidos por influência externa com maior rapidez. Ao analisar o contexto destas localidades, é necessário que haja também uma leitura da formação histórica, pois uma análise fixa de determinado espaço proporciona uma estrutura meramente formal (SPOSITO, 1988), e desta forma ignora um passado recente que influenciou e/ou influencia ainda a dinâmica social destes municípios.

A dinâmica da cidade, compreendida no ambiente escolar pode ser analisada na realidade do estudante de diferentes formas, porém entender os elementos e agentes do espaço é essencial: o comércio, os espaços de lazer, as famílias, bem

como a presença ou ausência de moradia, e principalmente os próprios estudantes, são estes componentes da infraestrutura urbana que permitem de modo correlato uma análise do espaço em que se situa. Ao ampliar o campo de análise do ambiente urbano, os fluxos e estruturas físicas tomam forma, e a infraestrutura urbana é chave para promover a circulação e existência na cidade. Condições de acesso, iluminação, manutenção de estruturas, são pontos na escala da cidade que podem ser pensados ao se tratar do uso e ocupação do espaço, e existem ferramentas possíveis que permitem uma análise crítica e social do ambiente urbano em relação às suas infraestruturas.

A infraestrutura, segundo o Grande Dicionário Houaiss (2022), possui significado como “suporte, suporte indispensável para edificação, manutenção ou funcionamento de uma estrutura [...]”. Urbana, de acordo com a mesma fonte, conceitua-se como “dotado de urbanidade, que pertence a cidade”, ou ainda, “que se encontra dentro dos limites de um perímetro urbano”. Infraestrutura urbana, por conceito, portanto, pode ser lido como um “suporte que se localiza dentro dos limites de um perímetro urbano, necessário para que haja o funcionamento e/ou manutenção de uma estrutura”.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tem como processo inicial para a aplicação do censo a realização da captação de características urbanísticas do entorno dos domicílios. Em suma, é analisado se existem e quais são as infraestruturas urbanas que existem no entorno dos setores censitários a serem analisados, como por exemplo: pavimentação, escoamento, iluminação pública, rampa para cadeirante, calçada, ciclovia, entre outros.

A infraestrutura urbana é, portanto, este conjunto de equipamentos, e não obstante, é um sistema destes que deve ter um planejamento a longo prazo, haja vista que deve ser previsto uma utilização visando o aumento populacional que virá a utilizar o equipamento (NÓBREGA *et al.*, 2013).

Pensar na infraestrutura urbana é essencialmente pensar na cidade e como esta virá a funcionar. Por nada adianta elaborar um planejamento que contenha uma amplitude de equipamentos de infraestrutura urbana se este está voltado apenas a uma porção do território da cidade, tornando as demais áreas carentes de certas demandas de infraestrutura. A relação entre centro e periferia se destaca neste momento, pois aquele por vezes retém maior atenção da administração do poder

público em relação ao planejamento, entretanto este possui uma maior necessidade de infraestrutura, bem como os equipamentos sociais.

Tais estruturas são elementos chave na composição da paisagem a ser analisada. O recorte abordado neste caso, a paisagem urbana, é a essência das relações formais e a dimensão mais direta da cidade (CAVALCANTI, 2016), e na realidade escolar, cabe ao professor e professora problematizar às turmas que além das lojas, veículos, praças e indivíduos que transitam pelo meio, as e os estudantes também são materializadores da cidade.

Segundo Cavalcanti (2016), a análise do que denomina espaço urbano, permite que o aluno ao observar a paisagem com maior atenção, compreenderá melhor aquele ambiente em que está situado.

Os seres humanos produziram a cidade como a referência mais próxima aos seus desejos. Paralelamente, o uso e ocupação da cidade é realizado pelas pessoas que a compõem, e compondo a cidade refletem a sua natureza, portanto, construindo a cidade, reconstroem a si mesmos. Porém, para certos grupos o acesso aos objetos e serviços do espaço da cidade são limitados e/ou negados, embora estes coletivos também construam as cidades, vilas e bairros que ocupam (MOREIRA, 2020). Comunidade em situação de pobreza, população negra, indígenas, LGBTQIA+ entre outros coletivos à margem da sociedade e têm o direito à cidade impedido e por vezes a voz e a luta destas pessoas não são suficientes para reivindicar seu lugar de fala e de vivência na cidade, bem como não compreender que este espaço também é seu. Da mesma forma que a Geografia influenciou o mundo, o mundo influenciou a Geografia. Com o fenômeno da globalização, a sociedade homogeneizada (CAVALCANTI, 2016), e paradoxalmente diversa, estreitou laços com a desigualdade.

Esta compreensão de apropriação do espaço estrutura-se de diferentes panoramas. Em consonância com Cavalcanti (2016), a escola é um espaço onde os indivíduos possuem maior possibilidade de formação de sua posição como cidadãos e cidadãs. Entretanto, o ser cidadão não apenas como meros seres existentes no espaço, mas sim como indivíduos ativos democraticamente, cientes dos seus deveres e direitos na cidade, e na possibilidade de elaborar outros (BENEVIDES, 1998, p. 170 apud CAVALCANTI, 2016, p. 108).

2.3 As representações

A realidade vivida e produzida pode ser apresentada e dialogada com os estudantes via representações. Seguindo o pensamento de Hall (2016, p. 31): "Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas", o que Kozel incorpora para a realidade escolar por diversas perspectivas como:

A representação espacial construída pelos educandos e educadores sobre espaço físico da escola e seus arredores, o espaço de representação gerado a partir da relação estabelecida entre os agentes sociais que desenvolvem a gestão da escola (docentes, discentes e gestores administrativos), a representação do espaço elaborada pelo educador/educandos a respeito dos espaços local/global perpassando pelas categorias de análise e conceitos, entre outras. (KOZEL, 2006, p.1).

Em essência, a representação é uma linguagem que estimula e move as interações dialógicas entre os indivíduos situados em algum grupo ou comunidade. Ideias, pensamentos e ações são considerados como signos e imagens a serem repassadas, e a linguagem que este processo de diálogo e comunicação interpessoal acontece apresenta-se de diferentes formas. A partir de motivações e questionamentos individuais e coletivos das turmas em sala de aula, o produto que representa as visões de cada estudante pode estar em diferentes roupagens: poemas, maquetes, figuras, charges, *memes*, mapas e até mesmo uma mescla de alguns destes exemplos.

Pensar a Geografia escolar a partir da apropriação espacial das e dos estudantes é uma prática que fortalece a compreensão das turmas, já que:

O ensino de geografia torna-se mais significativo ao trabalhar com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o próprio aluno é o agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial. (KOZEL, 2013, p. 9).

A realidade de sala de aula ultrapassa os livros didáticos e outros materiais pedagógicos pré-estruturados, materiais estes que não se propõem a totalidade da realidade escolar, e cabe ao professor incorporar em seu planejamento a visão do estudante, desde a sala de aula até a realidade do bairro, da comunidade e do município, pois segundo Kozel (2013) trabalhar com a construção de imagens, reflete

a compreensão sociocultural dos indivíduos que as desenvolvem. As representações perpassam o mero significado literal de certos símbolos e imagens, à prova de que instrumentos visuais podem e são utilizados para a comunicação direta e indireta em vários grupos.

Além da circulação local de indivíduos e objetos, com o avanço da tecnologia o alcance e dimensionamento de recursos passou a aumentar (KOZEL, 2013), e desta forma permitiu que fosse expandida a visão de realidade, principalmente de grupos jovens, que possuem acesso mais direto aos recursos na maioria das vezes.

A construção mental do objeto/imagem/símbolo parte dos conhecimentos e interpretações anteriores de cada um e cada uma, entretanto, dialogando com Kozel (2006), não se espera que o estudante possa compreender toda a complexidade das relações do seu lugar com o mundo e vice-versa, mas não se deve privá-lo de estabelecer hipóteses, observar, elaborar as suas explicações, explicações estas que podem vir de um perfil humorístico, de forma oral e/ou visual, e assim incorporar em um ambiente escolar para facilitar o processo educacional.

No processo de construir uma representação, seja ela uma imagem ou outra construção é necessário manter em mente que o objeto/signo/produto da representação utiliza, como afirma Kozel (2013), diferentes filtros e linguagens. Ao incorporar esta prática que envolve as representações no contexto escolar deve-se compreender as lógicas das dimensões conceitual e instrumental:

A dimensão conceitual permite conhecer e aplicar conceitos como: espaço, território, lugar, região, paisagem, ambiente, rede, bem como estabelecer relações entre eles. A dimensão instrumental refere-se às competências relacionadas com a observação direta, com a utilização, a elaboração e a interpretação de representações cartográficas e gráficas, visando integrar diferentes características espaciais permitindo o desenvolvimento de um processo de conhecimento. (KOZEL, 2006, p.5).

A incorporação das representações e a compreensão da dimensão individual e coletiva das e dos estudantes no ambiente escolar deve haver de forma primordial. Ao aproximar as relações sociais, do cotidiano na sala de aula, os discentes situam-se em seu espaço local bem como no mundo globalizado, compreendendo as devidas escalas, e as representando das mais diversas formas, significando o dia a dia da forma que lhe for confortável.

Destaca-se aqui a obra de Simielli (1996), a coleção “Meus primeiros mapas”, que contempla diferentes formas e atividades sobre as diferentes formas de abordar

representações cartograficamente, utilizando de mapas, maquetes, cartas e outros instrumentos simples de relacionar a realidade com o entorno escolar, bem como outros espaços de vivência cidadã.

Alencar (2020), afirma que a própria realidade educacional básica no Brasil exige uma adaptação tecnológica do corpo docente, e por vezes, até indiretamente essa adequação aos materiais de ensino ocorre. Embora seja dificultosa a mudança por parte dos professores e professoras, o ritmo que os discentes desenvolvem está à frente, porém, muitas vezes sem a apropriação das possibilidades que os recursos que possuem têm.

2.4 Os memes

Pensando em uma estrutura de replicação de costumes, hábitos e ações, em linhas gerais de cultura, o biólogo e pesquisador Richard Dawkins na obra “*The selfish gene*”, em tradução “O gene egoísta”, baseado no termo grego *mimeme*, por vezes lido como imitação, cunhou o conceito de *meme*. O *meme* é a unidade de transmissão da cultura transcrita nos indivíduos, sendo passado de pessoa para pessoa através da imitação. Dawkins (1976) apresenta o *meme* como um segundo replicador, paralelo ao gene, uma outra estrutura de replicação elementar do ser humano, à qual remete a evolução cultural. Sobre a concepção do termo o autor apresenta:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, 2007, p. 214 apud CAMILO *et al.*, 2019, p. 4).

Tal qual os genes, os *memes* podem realizar uma seleção cultural baseados na sua replicação, em alguns casos são voláteis, outros duradouros e com proporção maior, porém para que ocorra esta permanência na realidade eles devem ser compartilhados com grande frequência. Como afirma o próprio Dawkins (2007) “o sucesso de um meme depende crucialmente da quantidade de tempo que algumas pessoas dedicam a transmiti-lo ativamente para outras pessoas.” (DAWKINS, 2007, p. 339 apud CAMILO *et al.*, 2019, p.5).

Após a definição de Dawkins, Susan Blackmore, no seu livro “*The Meme Machine*” - “A máquina de *memes*”, em 2000, ratificou o significado de *meme*, expandindo-o. A autora trabalhou com o *meme* como comportamento, estilo, basicamente tudo que se aprende via imitação.

Quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este “algo” pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o “meme” (BLACKMORE, 2000, p. 04 apud MATOS, 2019, p 26).

Com o advento da *internet*, os *memes* (Figura 2) acabaram por conquistar espaços, em especial nas redes sociais. Inicialmente por imagens, ancoradas nas charges (Figura 3), vídeos, e posteriormente para *GIFs* e áudios nas redes sociais, o *meme* incorporou uma roupagem no ciberespaço voltada ao humor, e por vezes desconsiderada como ferramenta política, social e didática.



Figura 2: Exemplo de meme que traz um contexto social e relaciona com outro elemento para ter um tom humorístico.



Figura 3: Charge do personagem Radicci, do desenhista Iotti.

Tais instrumentos podem, sim, estar relacionados com a realidade, já que para serem produzidos e então socializados precisam de uma inspiração e finalidade, mesmo que apenas um propósito voltado ao humor. Como afirmam os pesquisadores do CoLAB, da Universidade Federal Fluminense (UFF):

Memes não são conteúdos individuais e isolados, mas complexos informacionais que só encontram significado em conjunto. Quando um conteúdo sozinho é disseminado, ele, na verdade, não é um meme, mas um viral. Os memes são CONTEXTO. (CoLAB/UFF, 202-).

Embora os *memes* ocupem uma posição de destaque nas redes sociais e demais estruturas sociais, para a compreensão de alguns deles o conhecimento de certos elementos e informações pode vir a facilitar a leitura do objeto. O entendimento das várias escalas é quase tão importante quanto a confecção dos *memes* agregando estas camadas de informação e leitura de mundo.

No ambiente escolar, instrumentos, originalmente, não didáticos assumem esta condição pela estratégia das e dos discentes em estabelecer uma comunicação e apreensão do espaço de forma mais facilitada. Embora já exista uma grande quantidade de referências conceituais, os *memes* ainda são recentes no ambiente escolar em relação ao advento da internet e possuem uma crescente acumulação de produções no meio educativo.

O *meme* nos contextos educacionais pode partir de uma imagem que relaciona o conteúdo estudado, introduz o que o professor irá trabalhar ou até mesmo ser o produto da interação das turmas, e pode fazer com que o corpo discente possivelmente tenha maior interesse. Por ser uma linguagem de comunicação com um quê geracional, pois tanto na ascensão da internet quanto nos dias atuais o público jovem possui maior domínio na elaboração e compartilhamento dos *memes*, e conforme o pensamento de Tonetto (2015) é um desafio para os professores e professoras, que possuem certo receio em tentar algo novo.

Outras áreas do conhecimento já fazem uso do *meme* em sala de aula. Um exemplo referente a Língua Portuguesa é o trabalho de Ferreira et al. (2019), que usa do *meme* como instrumento da produção do discurso e formas textuais no século XXI. O trabalho propõe uma questão: "como os *memes* podem ampliar a proficiência de leitura e produção de textos por parte de estudantes do Ensino Médio?", uma questão, portanto, que dialoga com o *meme* e como este material pode ultrapassar a camada

do humor restrito a redes sociais, e assim entrar em sala de aula como material didático-pedagógico. No campo maior da educação, tem-se a obra de Junior et al. (2019) a qual toma parte dos *memes* como dispositivo de combate à intolerância e preconceito racial, sexual e de gênero. O objetivo da obra é pôr em debate, como professoras e professores, as ações e reações dos discursos que partem dos *memes* de internet, seus efeitos tanto de forma positiva, mas principalmente de forma pejorativa, e atinge principalmente pré-adolescentes e adolescentes que estão em salas virtuais da internet, mas também em salas físicas de nossas escolas. A produção de Melo (2019) também relaciona o *meme* no contexto da EJA, e na multimodalidade do material didático-pedagógico como facilitadora de expressões referentes ao seu objetivo no ambiente escolar, bem como no diálogo discente-docente.

O trabalho de Silva (2019) compreende, já no ensino de Geografia, que há uma facilidade por parte dos estudantes de reconhecer os *memes* como objeto e assim desenvolverem sua própria interpretação a respeito de conceitos geográficos, como região, território e paisagem, e analisar a cidade através da chamada “*memeficação*”. Outrossim, a obra de Bezerra et al. (2021) trabalha com temáticas geográficas previamente utilizadas em sala de aula, como meio ambiente, violência e infraestrutura. A pedido dos professores e professoras, os estudantes elaboraram *memes* com os temas citados, após os autores utilizaram os *memes* produzidos pelos estudantes para conduzir uma evidente forma de saber-fazer ao próprio corpo discente, já que ao criarem os *memes* baseados em seu cotidiano, os alunos também justificaram o porquê daquele produto geográfico-linguístico, permitindo uma análise crítica do espaço situado e ocupado.

Como instrumento de análise, o foco do presente trabalho, em acordo com Lima-Neto e Oliveira (2019) o *meme* pode se apresentar de modo com que alunas e alunos compreendam sua realidade partindo do cotidiano da cidade envolvendo a Geografia. A forma de visualizar o espaço ao redor, formado e vivido, representado pelo *meme*, que é fruto do cotidiano bem como da criatividade em sala de aula.

3. METODOLOGIA

No planejamento de uma proposta metodológica pensou-se em uma forma que fizesse relação entre os conceitos e temas anteriores.

Inicialmente, procurou-se obter uma ampla análise dos conceitos que foram basilares para o desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente direcionada ao Ensino de Geografia, a pesquisa permeou por bibliografias e materiais que contextualizaram o histórico do Ensino de Geografia no Brasil, dentre eles Vesentini (2004), propostas de formação do estudante 'construtor' conforme afirma Cavalcanti (2012), bem como as novas alternativas que ingressam no ambiente escolar vinculadas à ciência geográfica, trazidas por Castellar (2005) e a importância das vivências das e dos estudantes, segundo Kaercher (1998).

Sobre o direito à cidade e a infraestrutura urbana, foram revisitados escritos conceituais como os de Carlos (1992), e de seu uso, segundo Harvey (2012) e Benevides (1998). Sposito (1988), Nóbrega (2013) e Cavalcanti (2016) se aproximam pelo viés da infraestrutura e uso desta, bem como seus equipamentos.

No que trata sobre os *memes*, preteritamente analisou-se pela sua significação, uma representação, e assim foi utilizada como referência, Hall (2016) e, em relação ao uso da representação na realidade escolar aproximou-se Kozel (2006, 2013), e Alencar (2020) ao fim para relacionar a representação ao ambiente tecnológico e educacional.

Em relação a construção conceitual e bibliográfica para o entendimento sobre os *memes* houve uma caminhada maior em busca da bibliografia direcionada. Sobre sua origem houve referência direta em Dawkins (1976), e aproximando-se ao conceito cultural do *meme*, Blackmore (2000) teve destaque. Vinculado aos conceitos basilares, se aliou ao que apresenta CoLAB/UFF (202-) sobre os *memes*, sendo estes um contexto. A aproximação com o ambiente escolar deu-se por Tonetto (2015), e exemplos de uso como ferramenta didático-pedagógica vieram com Ferreira *et al.* (2019), Junior *et al.* (2019) e Melo (2019). E como exemplos que incluem a Geografia com os *memes* diretamente se deu por Silva (2019) e Bezerra *et al.* (2021).

O principal objetivo do trabalho foi aproximar uma forma de leitura do mundo para com discentes, em especial do ensino médio. O desenvolvimento da pesquisa na escola teve quatro encontros, que ocorreram no mês de setembro de 2022, cada encontro dotado de uma carga específica de conteúdo.

Desta forma, a metodologia foi aplicada com as e os estudantes da turma 207, segundo ano do ensino médio, turno da noite, da Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Maio, localizada no centro de Imbé, RS. A aplicação ocorreu sob supervisão do professor Paulo Sérgio Oliveira. A escolha pela escola e pela turma se deu por ter sido local da realização da disciplina “ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA II”.

A organização da aplicação se dividiu em 3 etapas:

- I. Iniciando com um debate expositivo sobre infraestrutura urbana, com exemplos, bem como uma visão geral com a turma sobre o que enxergam no município de Imbé como problema e/ou potencialidade na infraestrutura urbana. Nesta etapa a turma participou e apresentou alguns dos elementos da infraestrutura do município inexistentes nas proximidades de suas residências e dos espaços que costumam frequentar;
- II. Em sequência, na realização do segundo encontro, foi proposto aos estudantes que desenhassem o *meme*, da forma que pudessem representar sobre a infraestrutura de algum local nas proximidades de sua casa e/ou do município e, além disso, descrevessem onde e por que daquele local.
- III. No terceiro encontro, os *memes* foram espacializados na plataforma *My Maps*, e apresentados para a turma. Além disso, o mapa é colaborativo, ou seja, voltado para interessadas e interessados em somar seus *memes* e assim acompanhar outros espaços do município.

A análise dos *memes* das e dos estudantes realizou-se a partir da observação do material produzido, das informações contidas nos *memes*, bem como dos textos descritivos que acompanharam os *memes*.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: dos *memes* ao mapa

4.1 O município de Imbé

Situado na área costeira do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, o município de Imbé (Figura 4) localiza-se nas coordenadas 29° 58' 30" S, 50° 7' 40" L. Ocupado por estâncias e fazendas no início do século XVIII, conforme apresenta Claussen (2013) o município de Imbé teve o desenvolvimento e formação urbana mais direta a partir dos anos de 1900, com a fixação de alguns hotéis e poucas moradias. Na medida em que a infraestrutura de entorno do município foi se aperfeiçoando, destaca aqui a construção da BR-290 que liga a capital Porto Alegre com vários municípios do Litoral Norte, a chegada de pessoas que fixaram residências de período de verão (segunda residência) aumentou, sendo que com o passar dos anos, em especial após o período de redemocratização política do país, com a emancipação de Imbé em 1988, a formação da cidade como um todo progrediu, aumentando exponencialmente a população residente de Imbé.

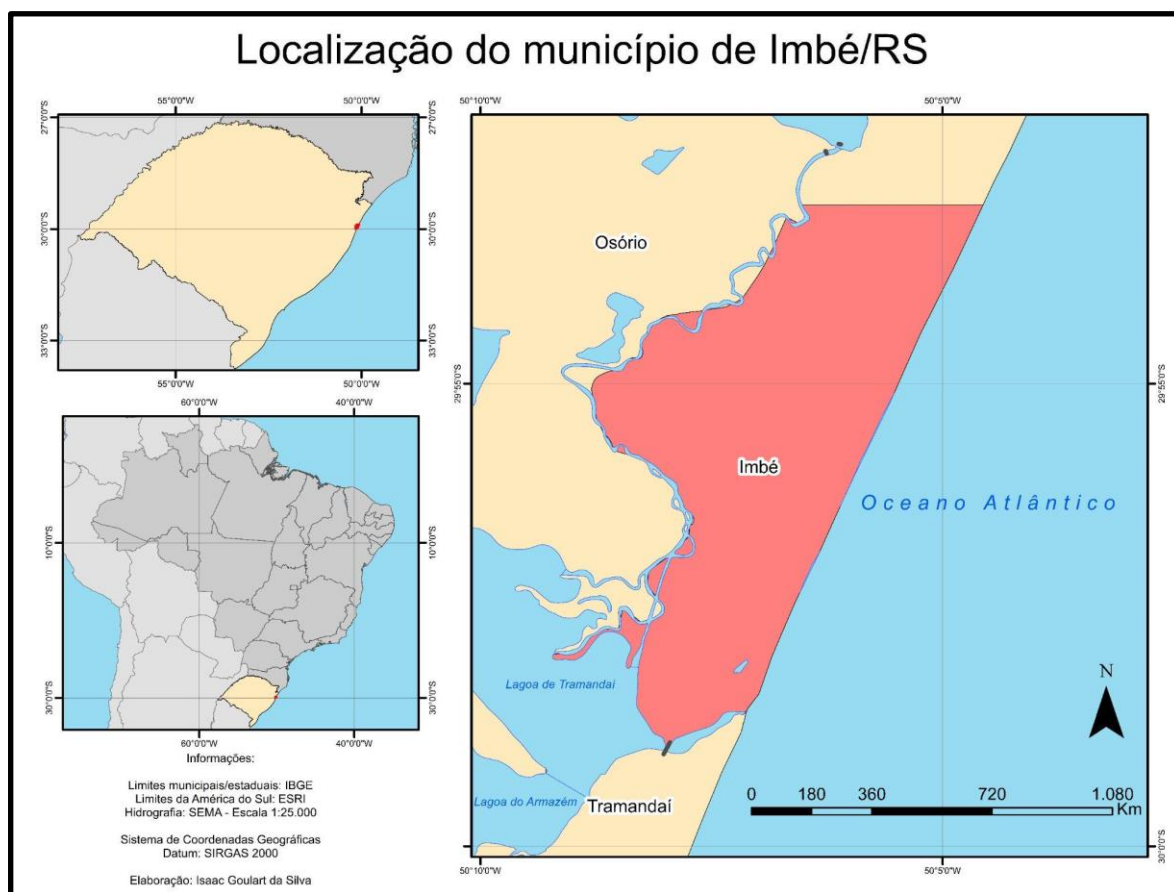


Figura 3: Mapa de localização do município de Imbé

O município de Imbé tem uma marca histórica em relação à infraestrutura urbana marcada por um de seus bairros, o bairro planejado Courhasa. Com fundação em 1964, na capital Porto Alegre, a Construção Urbanização Habitação S.A., empresa especializada em construções e loteamentos, foi contratada no então distrito de Imbé para realizar os serviços de urbanização em alguns pontos da cidade. Como pagamento recebeu alguns lotes que em parte foram doados para instituições e, após a emancipação do município, as áreas próximas à barra do rio Tramandaí, por terem se tornado áreas de ocupação urbana irregular, foram regularizadas. Atualmente o bairro Courhasa é um bairro popular que se encontra cercado por moradias e condomínios de alto padrão.

O bairro Courhasa é um exemplo não só de estrutura espacial, mas também da presença de uma cooperativa voltada à implementação de equipamentos de infraestrutura urbana, principalmente na porção mais central de Imbé, áreas mais nobres, deixando de lado os bairros mais ao norte do território, podendo ser observados os problemas em alguns dos *memes* que as e os estudantes elaboraram.

4.2 Análise dos *memes*

Na realização da pesquisa, juntamente com as e os estudantes, foram produzidos 5 *memes*. Cada um dos desenhos feitos teve como motivação representar e apresentar o município a partir da visão da turma. A seguir estarão cada um dos trabalhos com suas respectivas justificativas.

Estudante 1:



Figura 5: Meme 1, representando o bairro Nova Nordeste.

Em seu *meme* (Figura 5), o estudante representou seu bairro, Nova Nordeste. Na descrição diz “No bairro Nova Nordeste tem muito buraco nas ruas e alagamentos”.

Ele enfatizou os buracos nas ruas, vinculado diretamente à falta de pavimentação, e aos alagamentos que são causados com as fortes chuvas, por conta da pouca drenagem urbana. Nos detalhes do desenho é possível observar um bueiro, também conhecido como “valão”, com sacos de lixo ao redor, podendo ser vinculado ao descarte irregular de resíduos pela população. Além do que, existe um veículo na figura que pode vir a ser prejudicado por conta dos buracos existentes.

Estudante 2:

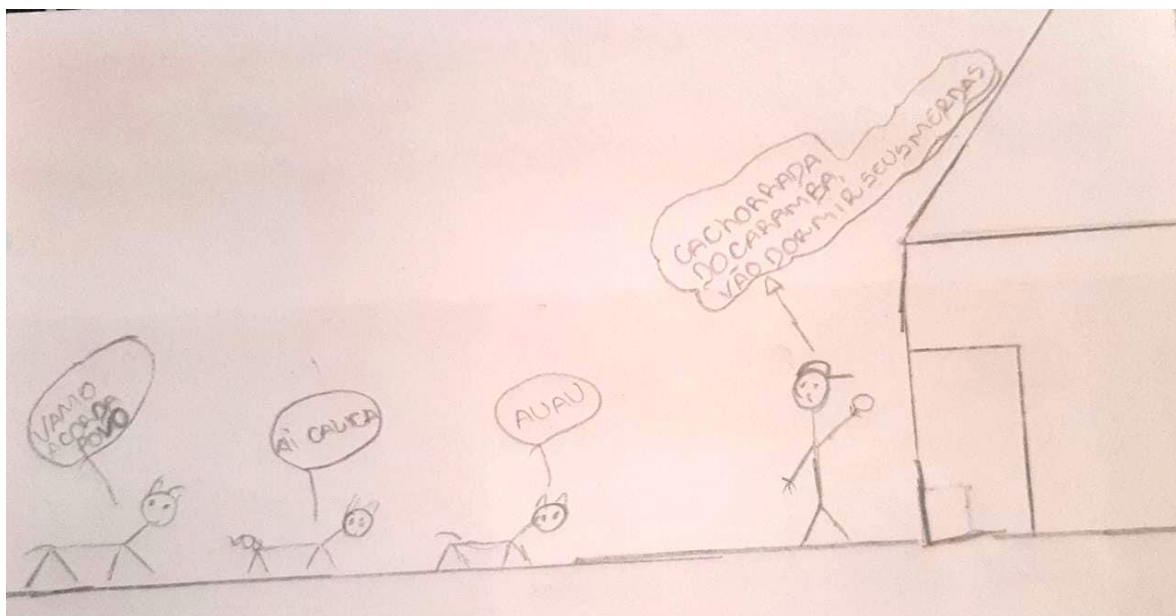


Figura 6: Meme 2, representando o bairro Courhasa.

Eu fiz essa arte porque, lá na Courhasa tem na frente da minha casa tem muito cachorro e de noite não param de latir se param se você ameaçar, porém a culpa não é deles e sim dos antigos donos e da prefeitura por não ter algo para os cachorros abandonados

Figura 7: Descrição do meme 2.

No segundo *meme* (Figuras 6 e 7), o estudante enfatizou o abandono de animais no bairro Courhasa. Segundo o estudante “*Eu fiz essa arte porque, lá na “Couraçah” na frente da minha casa tem muito cachorro e de noite não param de latir só param se você ameaçar, porém a culpa não é deles e sim dos antigos donos e da prefeitura por não ter algo para os cachorros abandonados*”.

Embora não seja diretamente relacionado a uma infraestrutura urbana, está ligado a uma situação nos arredores de sua casa, e em sua justificativa o estudante atribui aos antigos donos e à prefeitura a quantidade de animais abandonados na rua, pela falta de responsabilidade social e animal.

Estudante 3:

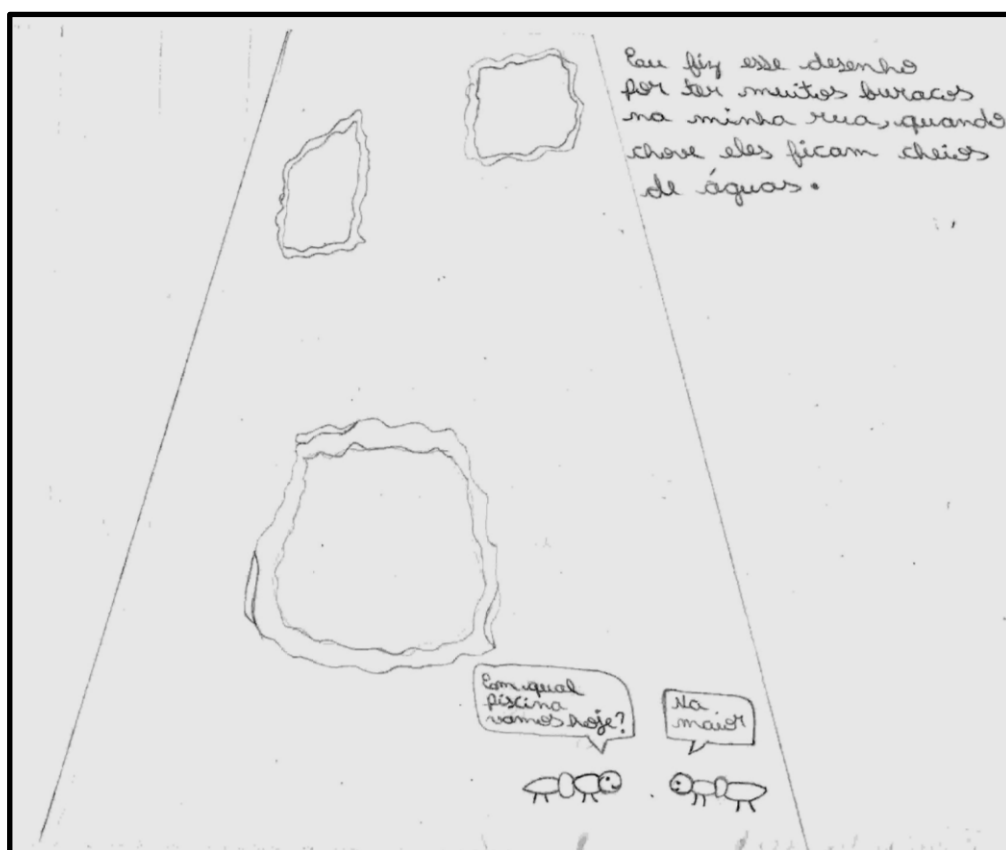


Figura 8: Meme 3, representando uma situação no bairro Mariluz.

A estudante neste *meme* acima (Figura 8) destacou os buracos em seu bairro, e a falta de drenagem urbana após chuvas. “*Eu fiz esse desenho por ter muitos buracos na minha rua, quando chove eles ficam cheios de água*”.

Ela apresentou o *meme* com um diálogo entre um casal de formigas indo nadar em piscinas de diferentes tamanhos, que na verdade são buracos nas ruas.

Estudante 4:

No quarto *meme* produzido (Figura 9), a estudante detalhou seu bairro, Presidente, tanto com os comércios e edificações na avenida principal, mas também com a irregularidade na pavimentação, com ou sem chuva. A estudante assim descreveu: *"Resolvi falar sobre o caos que é os buracos. Toda semana levando o carro e moto na oficina, pois além da rua ser de pedras toda errada, vive com buracos! Quando chove as esquinas ficam cheias de água."*

Importante notar também a quantidade de detalhes no *meme*, desde o fluxo na via, as descrições do comércio e os nomes das ruas. E além do mais, a estudante adicionou uma placa que diz o seguinte: *"Cuidado ao andar na rua, sua cova pode estar lhe esperando!"*.

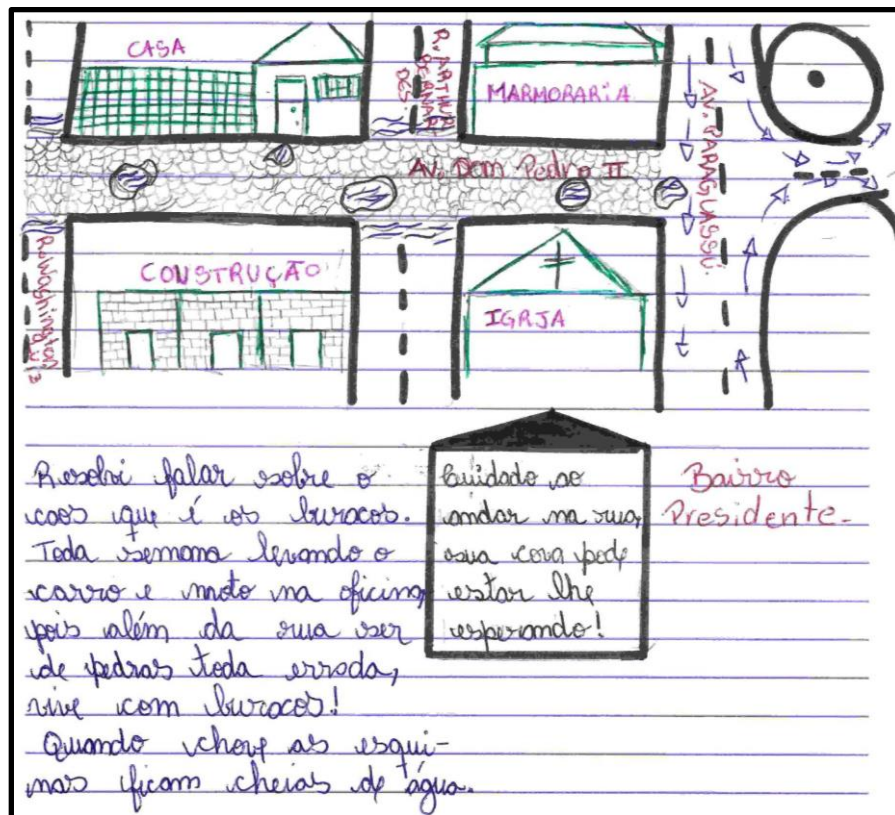
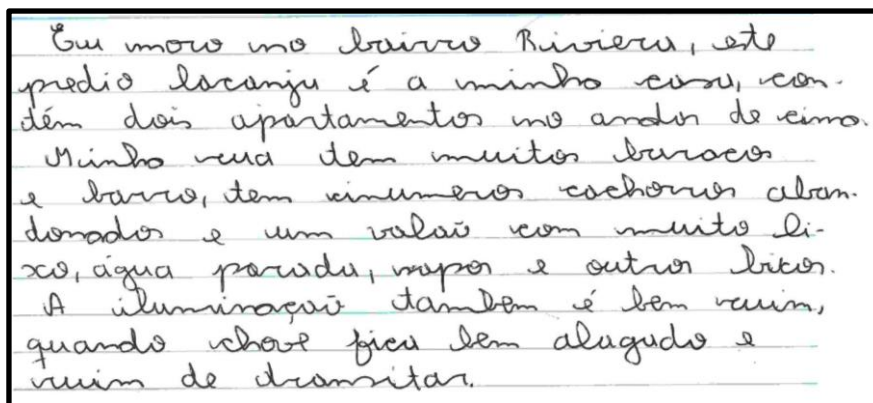


Figura 9: Meme 4, bairro Presidente.

Estudante 5:

A estudante, em seu *meme* (Figuras 10 e 11) apontou alguns problemas e questões de seu bairro, Riviera: “Eu moro no bairro Riviera, este prédio laranja é a minha casa, contém dois apartamentos no andar de cima. Minha rua tem muitos buracos e barro, tem inúmeros cachorros abandonados e um valão com muito lixo, água parada, sapos e outros ‘bixos’. A iluminação também é bem ruim, quando chove fica bem alagado e ruim de transitar”.



Eu moro no bairro Riviera, este
prédio laranja é a minha casa, con-
tém dois apartamentos no andar de cima.
Minha rua tem muitos buracos
e barro, tem inúmeros cachorros aban-
donados e um valão com muito li-
xo, água parada, sapos e outros bixos.
A iluminação também é bem ruim,
quando chove fica bem alagado e
ruim de transitar.

Figura 10: Descrição do meme 5

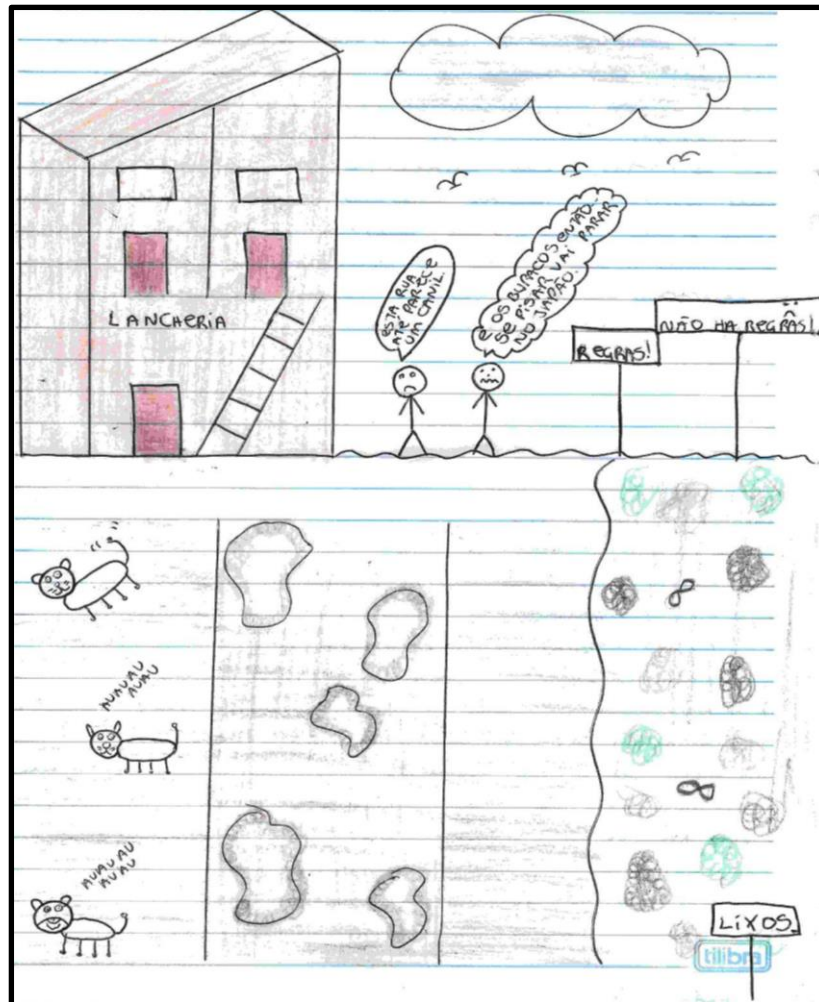


Figura 11: Meme 5, que apresenta o bairro Riviera.

Ao observar os *memes* da turma, é possível notar algumas questões sobre a infraestrutura urbana no município de Imbé:

1. Pavimentação/buracos;
2. Drenagem pluvial;
3. Abandono de animais;
4. Descarte irregular de resíduos sólidos.

As questões de infraestrutura apontadas pela turma refletem muito a questão do que é morar em bairros que ainda estão/são carentes de demandas mínimas. Bairros representados como Mariluz, Presidente, Riviera e Nova Nordeste são áreas que passam por maiores problemáticas do que outras mais centrais, pensando numa relação centro-periferia, no município de Imbé. Desta forma, pode-se ressaltar que os

problemas identificados pelos alunos são vivenciados no seu cotidiano, na sua locomoção diária casa-escola, reafirmando que o *morar*, é mais do que a construção física da casa, pois perpassa pelas condições de se *morar*, de se deslocar, por exemplo.

Durante o diálogo com a turma, além dos problemas representados nos *memes*, a maioria apontou a falta de outros recursos, voltados para o lazer. Durante o diálogo com as e os estudantes foi perguntado “*onde vocês vão para fazer festa, ano novo e carnaval?*”, algumas das respostas foram diretas “*ah, professor, no centro, na barra!*”. Destacaram a Barra do Imbé, que é um espaço que possui um calçadão, iluminação completa e uma estrutura que comporta muitas pessoas, carros com som e também a questão paisagística pela proximidade com o mar. Em seguida, porém, foi questionado: “*e por que vocês não vão fazer festa na Imara?*”, o bairro Imara é o último bairro do município, na divisa com o município vizinho, Osório, a resposta também foi rápida: “*seria palha, né, sor!*”, no caso algo como “*seria sem graça*”, e quando perguntados a explicação dessa “*falta de graça*”, começaram a falar sobre a ausência de estrutura que o bairro Imara possui, em relação ao bairro Centro, e então foram percebendo a necessidade da ampliação de recursos voltados aos moradores da porção mais ao norte de Imbé.

Por não terem tanta noção espacial da ausência e/ou existência de alguns serviços e equipamentos de infraestrutura urbana, a proposta de situar os *memes* em um mapa aberto é essencial para que não apenas as e os estudantes tenham a noção das problemáticas, mas também a população de Imbé que pode ampliar sua visão sobre estas questões.

4.3 O mapa

Além de termos os *memes* produzidos pela turma, foi construído um mapa colaborativo do município de Imbé, posicionando as localizações descritas e informadas pelas e pelos estudantes. A importância de uma plataforma que situe esses *memes* que retratam algumas das problemáticas relacionadas à infraestrutura urbana vem de encontro a uma construção popular e de certa forma, um protesto sobre a situação dos seus bairros e seu município.

A proposta é que seja um mapa colaborativo e aberto para que outros professores possam adicionar outros trabalhos que venham a ser feitos em suas turmas, e para que a sociedade possa acompanhar a visão das e dos estudantes dos bairros em que moram. A plataforma escolhida foi a *Google My Maps*, por ser de fácil compreensão e acesso, sem muitos critérios técnicos. O layout do mapa, segue na plataforma (Figura 12):

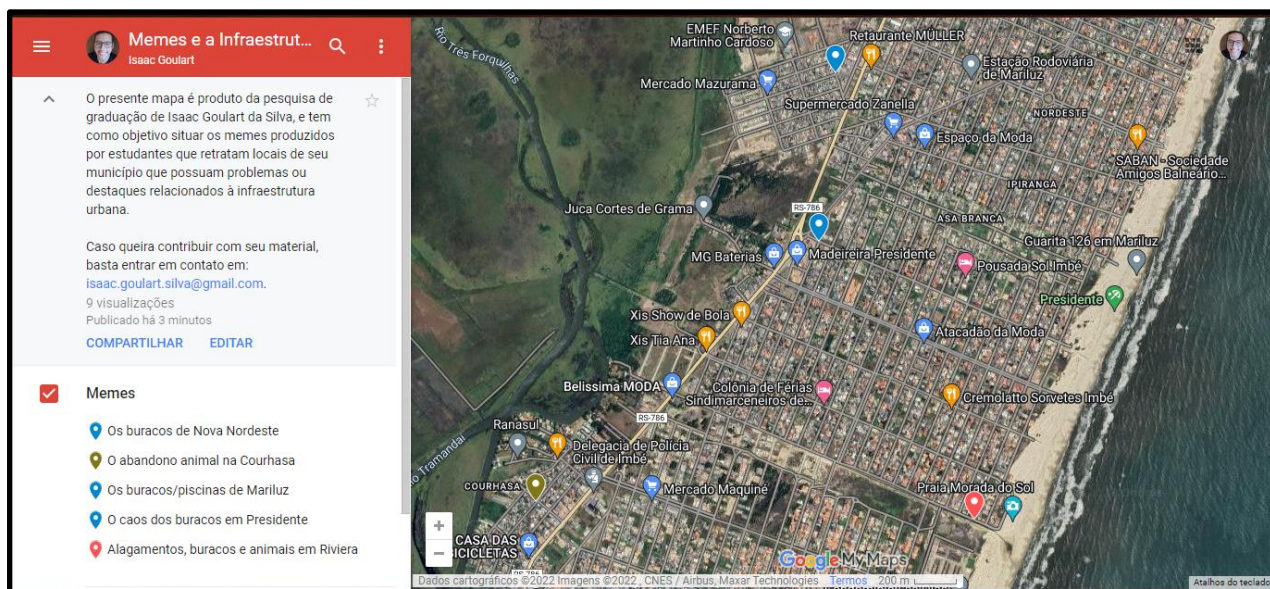


Figura 12: Interface do mapa na plataforma Google My Maps. Elaboração: Isaac Goulart da Silva, dados: memes da turma.

Ao clicar em um dos ícones da legenda, é aberta uma aba lateral que mostra a descrição do *meme* produzido e o *meme* por si só, podendo ser aberto para melhor visualização (Figura 13).

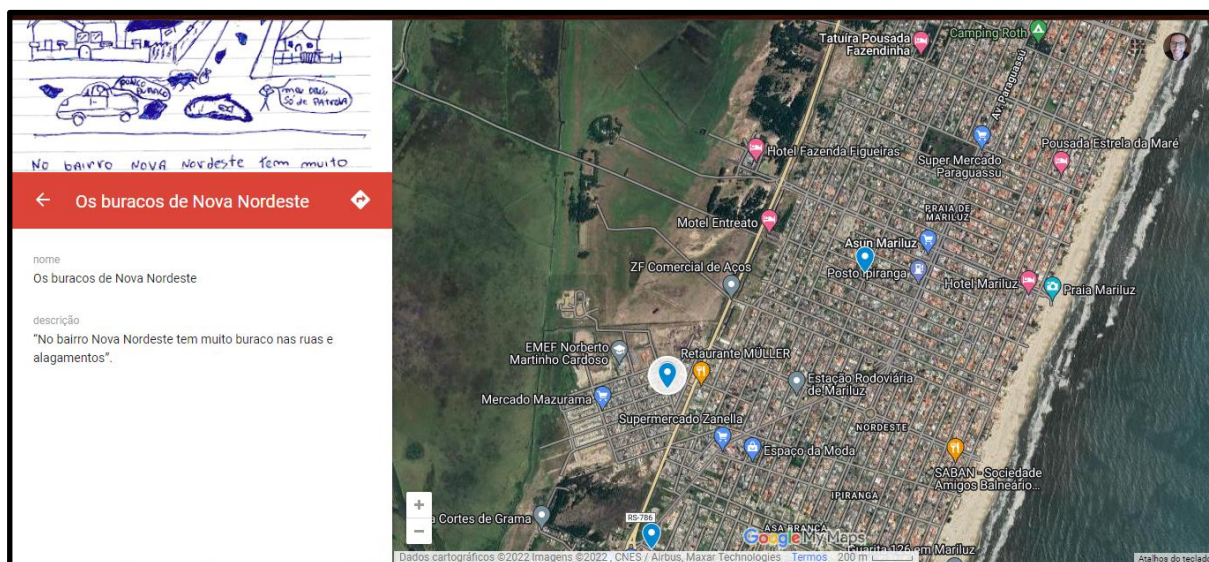


Figura 13: Aba lateral com a descrição do ponto com o meme.

Para acessar o mapa, basta acessar o seguinte link: <https://tinyurl.com/mapadosmemes>.

A forma que o mapa toma, com os *memes*, permite uma leitura a partir da representação do espaço, advinda da criatividade e pensamento crítico de cada estudante. Apesar da quantidade limitada dos trabalhos apresentados devido à baixa presença de estudantes no encontro de confecção, a qualidade e análise espacial da produção enriqueceu a pesquisa, comprovando que os *memes* podem, sim, servir como um material didático-pedagógico, tanto se for apenas apresentado às e aos discentes, quanto se forem produzidos por estas e estes, como forma de linguagem e de expressão sobre a percepção de cada um sobre a sua realidade.

Trabalhar com *memes* em sala de aula, embora seja recente, teve suas ocorrências nas várias modalidades, níveis de ensino e disciplinas. Entretanto, na maioria das vezes são trabalhados *memes* “prontos”, apresentados às turmas e a aula parte destes. Na proposta desenvolvida na pesquisa, procurou-se desafiar a turma, que inicialmente observou os *memes* mostrados pelo professor, e após foram convidados a elaborar seus próprios *memes*, potencializando o desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico, que foram a centralidade para a realização da pesquisa.

Trabalhar com *memes* se apresenta como uma possibilidade não apenas para professores de Imbé, mas também como uma ferramenta didático-pedagógica a ser utilizada. Qualquer temática pode vir a ser trabalhada com os *memes*, e as possibilidades que se têm a partir desses são amplas, pensando na produção a partir da turma, juntamente com a justificativa do porquê de tê-lo feito já são indicativos da compreensão da e do estudante mediante o tema a ser discutido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica presente no município de Imbé que existe a partir da infraestrutura urbana acaba por moldar a vivência e o cotidiano de quem o habita. A forma de análise que partiu das e dos estudantes apresenta uma crítica, mesmo que indireta, à condição de seus bairros e do município como um todo, haja vista que o foco dos *memes* voltou-se para a periferia e não para o centro do município.

No realizar do trabalho, a turma participante percebeu como a situação do município possui uma quantidade maior de demandas em relação à infraestrutura urbana em certas áreas, e assim uma parcela do debate que ocorreu em sala de aula os fez pensar melhor na realidade de Imbé.

O presente trabalho serve não apenas como uma referência a mais na área da educação e ensino de Geografia com e sobre *memes*, mas também como uma forma de mostrar como esta linguagem mesmo no formato analógico-visual pode ser utilizada como um material didático-pedagógico, e posteriormente expandir os limites no formato virtual.

Que o mapa construído sirva para a análise socioespacial das e dos munícipes, para que, a partir do olhar dos estudantes, vejam a situação de alguns que pode ser a situação de vários outros e que sirva, também, para o poder público reconhecer o potencial dos alunos na observação da realidade local.

E que juntamente com estes resultados, o poder público amplie a parceria entre as prefeituras e a universidade, no âmbito de toda a região do Litoral Norte. A presença da Academia nesta porção do estado existe como algo positivo, um braço a mais para que ocorram transformações benéficas no espaço do Litoral.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Josivane José de. Novas linguagens e o ensino de cidade na Geografia Escolar. In: VIANA, Bartira Araújo da Silva *et al.* **O ensino de Geografia e a cidade de Teresina**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020. p. 37-56.

BEZERRA, Marisa *et al.* Entre o mundo real e virtual: A produção de memes como proposta metodológica para o ensino de Geografia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 282-289, 2020.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

CAMILO, Maria De Fátima *et al.*. Gêneros digitais emergentes: uma proposta de análise do gênero viral meme. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60641>>. Acesso em: 26 set. 2022.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 25, n. 66, p. 209-225, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622005000200005>.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, v. 3, p. 190, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus Editora, p. 280, 2012.

CLAUSSEN, Miriam Raquel Silva. O processo de urbanização do município de Imbé, RS: dinâmicas socioespacial e socioambiental. 2013. 111 f. **TCC (Graduação)** - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70648>. Acesso em: 26 set. 2022.

CoLAB/UFF. **Museu de Memes**. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 26 set. 2022.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Reino Unido: Oxford University Press, 1976. 224 p.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; COE, Geanne dos Santos Cabral. Memes em sala de aula: possibilidades para a leitura das múltiplas semioses. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, p. 114-139, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36936>>. Acesso em: 22 set. 2022.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. **Tradições da Geografia Escolar: mnemônica**. Mnemônica. 2022. Disponível em: <https://eaulas.usp.br/portal/video?idItem=11843>. Acesso em: 22 set. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016. 260 p. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/18497>. Acesso em: 26 set. 2022.

INFRAESTRUTURA. *In*: Grande Dicionário Houaiss. UOL, 2022. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#6>. Acesso em: 30 set. 2022.

JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; POCAHY, Fernando; DE CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, 2019.

Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36180>>. Acesso em: 22 set. 2022.

KOZEL, Salete. Geografia, representação e ensino: um olhar sobre a dimensão conceitual. In: I COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO., 1., 2006, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: NEER Geografia/UFPR, 2007. v. 1, n.p. Disponível em: <https://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/salete-kozel.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais / Communicating and representing: maps as socio-cultural constructions. **Geograficidade**, v. 3, n. Especial, p. 58-70, 19 set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12874>. Acesso em: 26 set. 2022.

LIMA-NETO, Vicente de; OLIVEIRA, Erika Guimarães de. MEMES NO FACEBOOK: letramento crítico na escola pública a partir do humor. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 33-53, jan. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36445>. Acesso em: 26 set. 2022.

LOHMANN, Renata. Manda memes: dinâmicas e trajetos de imagens. 2019. 144 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/194866>. Acesso em: 26 set. 2022.

LUPINACCI, Ludmila. Até o Travolta ficou confuso: sobre a imprecisão conceitual dos “memes de internet” (e o que GIFs têm a ver com isso). **Culturas Midiáticas**, v. 10, n. 1, 2017.

MATÉ, Cláudia. A cidade pequena através de seu sistema de espaços livres o caso de Pinhalzinho/SC. 2016. 185 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MATOS, Manoel Rodrigues de Abreu. O gênero textual meme: práticas de leitura e produção textual para atribuição de sentido às múltiplas semioses. 2019. 151 f. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Letras, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2019.

MELO, Daniele Santana de. Memes e a Educação de Jovens e Adultos. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 268-290, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36856>>. Acesso em: 22 set. 2022.

MOREIRA, Carlos André Gayer. Geografias QUEER e Currículo: por uma educação geográfica fora do armário! 2020. 209 f. **Tese (Doutorado)** - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218112#>. Acesso em: 26 set. 2022.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2008.

NÓBREGA, F. A. R.; VIEIRA FILHO, D. S.; DA SILVA, F. B.; VERAS, R. L. O. de M. Infraestrutura Urbana: infraestrutura e o crescimento populacional no Brasil. **Caderno de Graduação - Ciências Exatas e Tecnológicas - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 19–25, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernoexatas/article/view/304>. Acesso em: 26 set. 2022.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon, **MCB University Press**, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Isaac Goulart da. A UTILIZAÇÃO DO MEME NO COTIDIANO E A SUA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 2664-2673, 2019.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Primeiros mapas**: como entender e construir. São Paulo: Ática, 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação B.. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988. 80 p. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1415/capitalismo_e_urbanizacao___maria_encarnacao_beltrao_sposito__pdf_rev.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

TONETTO, E. P.; TONINI, I. M. Redes sociais e práticas escolares: plataformas para a construção de uma Geografia on-line. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z. [et al]. (orgs.). **Movimentos no ensinar Geografia**: Rompendo rotações. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2015. p. 156-172.

URBANA. In: Grande Dicionário Houaiss. UOL, 2022. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#8. Acesso em: 30 set. 2022.

VESENTINI, José William. **Ensino de Geografia No Século XXI**. Papyrus Editora, 2004.